

O Potiguar

Ano VIII Nº 41

Dezembro 2004

Distribuição Gratuita



Chico Antônio
o mestre da embolada

Nossa Senhora da Apresentação



O bairro de Nossa Senhora da Apresentação leva o nome da Padroeira da Cidade do Natal, reverenciada a 21 de novembro.

Este bairro surgiu na década de 80 e consolidou-se a partir da construção de conjuntos habitacionais na região, como Parque dos Coqueiros (1990), com 2.088 (duas mil e oitenta e oito) residências, Alvorada IV

(1991) e Alameda das Fronteiras (1992).

Por situar-se às margens da BR 406 e nas proximidades do Distrito Industrial de Natal, suas terras se beneficiaram com a construção de infraestrutura de serviços, transportes e pequenos comércios.

É um dos bairros onde proliferam loteamentos, por dispor de área que permite

expansão até às fronteiras municipais.

Nele se localiza a estação de tratamento d'água da CAERN - Companhia de Águas e Esgotos do Rio Grande do Norte, às margens da RN-100 e inaugurada, em sua primeira etapa, em 11 de novembro de 1979, hoje desativada. Para substituí-la foi inaugurada a segunda estação, em 26 de setembro de 1992, atualmente em pleno funcionamento e com volume triplicado em relação à primeira. A importância dessa estação é fornecer 70%, aproximadamente, da água consumida pela população da Zona Norte, inclusive, do bairro de Nossa Senhora da Apresentação.

A oficialização do bairro se deu por ocasião da definição de seus limites pela Lei n.º 4.328, de 05 de abril de 1993, publicada no Diário Oficial em 07 de setembro de 1994.

Paulo Venturele de Paiva Castro

EXPEDIENTE

- Diretor -
João Gothardo D. Emerenciano
- Editor -
Moura Neto
- Revisão -
João Gothardo D. Emerenciano
Giuliano Emerenciano Ginani

- Programação Visual -
Ramos Cruz
J. M. Vieira
- Gerente Comercial -
Carlos Frederico Câmara
- Impressão -
Gráfica Nordeste

Avenida Prudente de Moraes, 625 - Tirol - Natal/RN - CEP 59.020-400

Os textos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores e não expressam necessariamente o ponto de vista dos editores do jornal.



Deputado Nelson Freire - PDT

Compromisso com a Cultura do RN

*Feliz Natal, e um Próspero
Rio Grande do Norte.
São os votos do Deputado Estadual e
Secretário de Turismo - RN*

Nelson Freire

O sacro, o profano e as festas

O sinergismo, quando realmente se efetiva, é qualquer coisa de sublime. O sacro e o profano em complementariedade, numa evidência de que Deus, a realidade maior a permear tudo, com a colaboração humana, promove a salvação de todos. Não existe melhor exemplo para se experimentar a doutrina do que o observado nas festas da igreja católica, notadamente no tocante ao seu lado profano, essencialmente animado pela participação popular. Refiro-me aos instantes que sucedem aos rituais litúrgicos, a quermesse propriamente dita. Após a devoção, a diversão, eis a razão de toda a festa. O que seria do povo sem as festas populares? A sociedade, certamente, estaria mais sobressaltada. De difícil salvação.

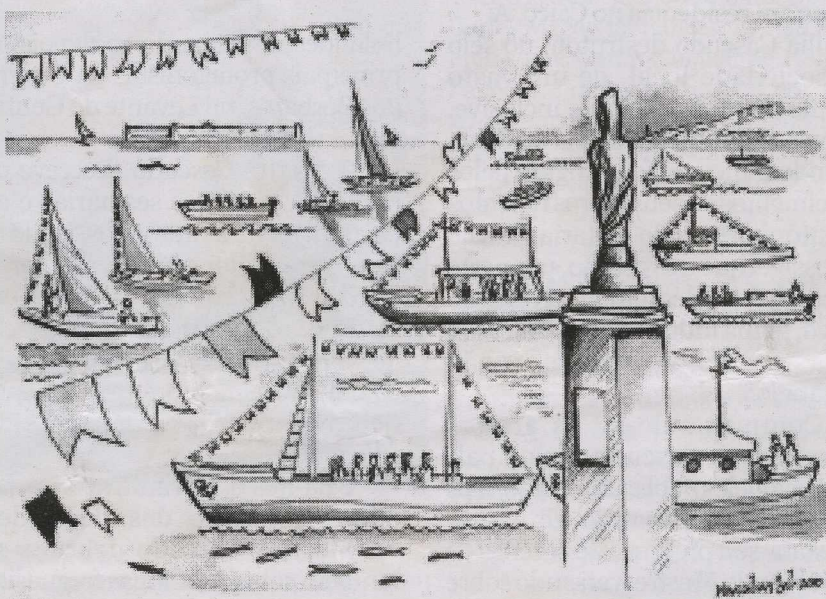
Aqui em Natal, isso tudo se confirma à exaustão, por ocasião do chamado ciclo natalino, o que muitos consideram o período que vai da noite de natal ao dia de Reis, a 6 de janeiro. De minha parte eu amplio a coisa. Considero que o espírito natalino começa a contagiar desde os festejos da padroeira, em novembro, e prolonga-se até finais de janeiro, com as celebrações em honra da Senhora dos Navegantes, por águas e terras da lírica Redinha. Nesse contexto inclua-se, também, N^a. S^a. da Conceição, na avenida 4, e São Sebastião, na Coronel Estevão com a avenida 5, ambos nas cercanias do Alecrim velho de guerra.

Eu fico a imaginar a trabalhadora

toda, aliada ao contentamento por uma fêria compensadora, que deve experimentar toda a gente envolvida no funcionamento dos parques de diversões, quando do enfrentamento do périplo. As vendedoras de guloseimas devem enfrentar grande azáfama, por esse tempo. Desconfio, contudo, que todos levam boa compensação, o que costumava avaliar pela alegria que

santuário continua lotado por pessoas que, chegadas com algum atraso, dão uma entradinha para a devoção, antes de caírem na pândega. E assim a coisa é tangida noite a dentro, varando a madrugada, tendo o seu apogeu por ocasião da grande procissão na tarde do dia 6 de janeiro.

Desde que aportei nesta abençoada terra, matuto vindo do Seridó, eu tenho meus alumbramentos



sempre deparava no semblante de Dilce, preta velha simpática, a quem comprava grude e bolo preto, todo santo ano, lá nos Santos Reis, já há incontáveis festas. Por esses dias tive conhecimento de que Dilce mudou-se, foi morar com Deus. A festa, certamente, muitos sentirá sua falta.

Por falar nos Santos Reis ali, o sacro e o profano acontecem de tal forma, que até parece se amalgamarem. Após os ofícios religiosos, o

anuais motivados por essas coisas. Aliás duas coisas existem em Natal sem as quais eu não consigo imaginar a cidade em sua plenitude: A Redinha e a Festa de Reis. Lá se vão 35 anos que eu as frequento e espero fazê-lo por muito tempo ainda, tudo com a graça de Deus e a proteção da Senhora da Apresentação e dos santos Reis Magos, amém!

Ubiratan Queiroz



**FORMANDO
GERAÇÕES**



COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS NEVES

PRAÇA PEDRO II - 1055 - ALECRIM TEL: (84) 211-4566 www.colegiodasneves.com.br

Câmara Cascudo e o Seridó

Escolhi para tema deste artigo, as provas de apreço manifestadas por Cascudo para com a terra seridoense.

Na pessoa daquele escritor, o Seridó sempre encontrou um dedicadíssimo amigo e admirador. Alguns anos antes do nascimento do Mestre, os seus genitores – o alferes Francisco Justino de Oliveira Cascudo e d. Ana Maria da Câmara Cascudo – fixaram residência no Caicó. A família Cascudo desfrutou, no seio da sociedade local, de um vasto círculo de amizades que, inclusive, levou o seu conforto moral ao casal, quando o mesmo foi atingido pelos falecimentos de seus tenros rebentos – Antônio Haroldo e Maria Otávia. É possível que a evocação, por parte do casal, daqueles tempos vividos no Caicó, tenha influenciado o seu filho Luís, no amor àquele rincão sertanejo...

Compulsando-se os artigos escritos por Cascudo, principalmente aqueles publicados nos jornais *A República* e *Diário de Natal*, constata-se a presença de dezenas de trabalhos do Mestre, versando sobre temas seridoenses. Encontraremos notícia das milenares e misteriosas inscrições rupestres, empiricamente estudadas por José de Azevedo Dantas, e que hoje são objeto de acuradas reproduções e análises, procedidas pela arqueóloga Gabriela Martin Souto Maior.

Cascudo também estudou a toponímia seridoense, na qual ainda figuram designações provindas do desaparecido idioma dos janduís, canindés e seus aparentados, tapuias que combateram ao lado dos



holandeses, tornando-se depois os principais protagonistas da Guerra dos Bárbaros, ou Levante do Gêtio Tapuia.

O Mestre Cascudo descreve os rústicos currais, as sesmarias e as primeiras fazendas da região. Relembra os longevos e prolíferos patriarcas, troncos de famílias históricas do Seridó. Dá-nos notícia de velhos coronéis, que no período colonial comandaram o Regimento de Cavalaria das Ordenanças da Ribeira do Seridó...

Fala-nos das primitivas capelas e igrejas, e de desaparecidos cemitérios. Cascudo debruça-se também sobre as antigas freguesias seridoenses e seus reverendos vigários colados, sem esquecer os visitantes apostólicos, as festas e as irmandades religiosas.

Nas *Actas Diurnas* de Câmara Cascudo, são mencionadas as primeiras povoações, vilas e cidades do Seridó, todas elas originadas de uma capela, edificada em terras de uma fazenda.

Foram também objeto de crônicas do Mestre, diversos coronéis e comandantes-superiores da Guerra Nacional, sucessora dos

corpos de milícias e ordenanças. Cascudo relembra os abnegados e eruditos mestres de latim do Seridó, responsáveis pela formação de uma plêiade de jovens estudantes, que viriam a formar a elite cultural, religiosa e política da região.

Através de suas *Actas Diurnas*, Câmara Cascudo revive os velhos Senadores, Deputados Gerais e Deputados Provinciais do tempo do império, e os políticos seridoenses do período republicano.

Os impetuosos acadêmicos seridoenses, estudantes da Faculdade de Direito do Recife, propagandistas dos ideais republicanos naquele sertão.

Povoam também as crônicas do Mestre, destacados juizes e desembargadores nascidos na região do Seridó. Através das *Actas Diurnas* de Luís da Câmara Cascudo, ressurgem e revive aquele tradicional Seridó, tão rico de episódios pitorescos, protagonizados pelas vigorosas figuras humanas, que ali viveram.

Disseminadas através das dezenas de livros de Câmara Cascudo, encontram-se profusas referências à região. Em *História do Rio Grande do Norte, Nomes da Terra* e tantos outros trabalhos do Mestre, delineia-se a imagem histórica, geográfica, econômica, sociológica e folclórica do Seridó. Luís da Câmara Cascudo merece, no coração de cada seridoense, um preito de gratidão e reverência, em retribuição ao grande amor por ele devotado à região, que tanto ele promoveu através dos seus valiosos escritos

Olavo de Medeiros Filho

SALESIANOS

COLÉGIO SALESIANO SÃO JOSÉ NATAL - RN

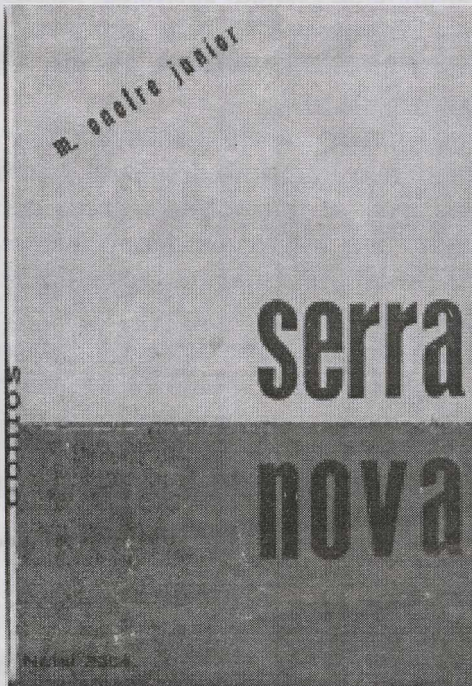
Largo Dom Bosco, 335 - Ribeira - Natal/RN - CEP 59012-530
Fone: (84) 211-4220 - Fax: (84) 222-35

“Serra Nova”: 40 anos de vida literária

Novembro de 1964, dia 13, marco do início da carreira literária do escritor Manoel Onofre Júnior, com a obra “Serra Nova”, lançada na Galeria de Arte Municipal, na Praça André de Albuquerque, em “uma bonita tarde de autógrafos”, na impressão do jornalista Tarcísio Monte. Bacharelado do primeiro ano do Curso de Direito, inicia-se, nesse mesmo ano, na colaboração, com artigos e crônicas, ao jornal “A Ordem”, como também incursiona no campo da educação ministrando aulas de História do Brasil, na Escola Técnica de Comércio “Alberto Maranhão”, além de se tornar um dos redatores da revista Rumos, órgão do Diretório Acadêmico “Amaro Cavalcanti”, da Faculdade de Direito de Natal. “Serra Nova” é um livro de contos e de crônicas, dividido em três partes: 4 Contos de Serra Nova, com “A Primeira Feira de José”, “Um caso de Serra Nova”, “As dos Santos” e “A Cruviana”; Memórias da Cidade do Interior, com “Noite de Natal”, “A Festa”, “Fim do Mundo”, “Figuras” e “Mãe da Lua”; e Excertos do Jornal do Estudante, com “A Lenda da Igreja do Rosário”, “O Mártir Anônimo” e “Democracia Transviada”. São os contos que dão início ao grande volume da Fortuna Crítica, sobretudo “A Primeira Feira de José”, que, além das críticas, mereceu várias reedições, aparecendo, por exemplo, em “Contistas Norte-rio-grandenses”, de Nei Leandro de Castro, 1966; título e capítulo do livro de contos, “A Primeira Feira de José”, 1973; capítulo de “Chão dos Simples”, 1983; em “O Potiguar”, fevereiro de 1998; em Literatura do Rio Grande do Norte, de Constância Duarte e Diva Cunha, 1999 e, 2ª edição, 2001.

No campo da informação e da

crítica à Serra Nova destacam-se, dentre outros, Antídio Azevedo (Serra Nova em Contos); Sanderson Negreiros (Nós, os saudáveis assassinos); Nei Leandro de Castro (Primeira Feira); Berilo Wanderley (Encontro - “A Primeira Feira” de Onofre Júnior);

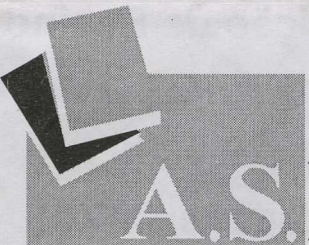


Magalhães da Costa (A Primeira Feira de José); Moacyr Cirne (Os de Macatuba e a questão do conto norte-rio-grandense); Anchieta Fernandes (Martins na mira de um Cronista); dentre outros, Afrânio Coutinho e J. Galante de Sousa. Para Tarcísio Gurgel, na obra “Informação da Literatura Potiguar”, “Manoel Onofre Jr., que partindo de um pequeno volume denominado Serra Nova, ainda nos sessenta (mais adiante refundido num maior, contendo novas histórias, resultando por fim no ano de 98, numa terceira edição, em belo volume agora intitulado Chão dos Simples), logo

optaria pela pesquisa literária e histórica, dando à cultura do Estado importante contribuição”. Tal contribuição se reflete e se amplia na Fortuna Crítica sobre a vasta e polígrafa obra de Manoel Onofre Júnior, com estudos de importantes escritores, destacando-se Jóis Alberto, Osório Almeida, Getúlio Araújo, Aluísio Azevedo, Hildeberto Barbosa Filho, César Borba, Antônio e Pablo Capistrano, Antônio Marques de Carvalho Jr., Juarez Correia, Bianor Paulino da Costa, Tácito Costa, Jaime Hipólito Dantas, Carlos Magno Fernandes, Dorian Jorge Freire, Luís Carlos Guimarães; Homero Homem, Franco Maria Jasiello, Laurence Bittencourt Leite, Afrânio Pires Lemos, Carlos Meirelles, Veríssimo de Melo, Raimundo Nonato, Carlos Peixoto, Nilo Pereira, Enélio Lima Petrovich, Delso Renault, Jorge de Sá, Vicente Serejo, Marcos A. da Silva, François Silvestre, Alberon Soares, José Soares Jr., Carlos de Souza, Aristides Theodoro. Em síntese, afirma Nelson Patriota, um dos mais abalizados críticos da obra do escritor Manoel Onofre Jr., em “No Mundo de ‘A Primeira Feira de José’”, após falar sobre as visitas da Revista de Cultura Vozes e do Jornal de Letras ao conto, que “‘A Primeira Feira de José’ está sendo tão bem acolhida que é provável que outra ‘feira’ venha a segui-la, haja vista a certeza de que o literato Manoel Onofre pretende, à medida em que se acerca mais e mais do seu povo, retratá-lo também, de maneiras a poder dar o seu tributo de artista, ou seja, retirar da vida o cotidiano pictórico e breve mas revelador de um certo modo de ser”.

Natal, 13 de novembro de 2004.

Francisco Fernandes Marinho



A.S. LIVROS

Av. Salgado Filho 2850 - Lj 05
Lagoa Nova - Natal/RN - Fone:206-9099

Praia Shopping - Loja F5/6
Natal/RN - Fone:206-9099

MAIS ANTIGO SEBO DE NATAL EM FUNCIONAMENTO



Cata Livros

DESDE 1970

**Compra, venda e troca de livros, discos,
Cd's, fitas de vídeos e k7 usados.**

Matriz: Rua da Conceição, 617 - Centro
Filiais: Rua Gal. Osório c/ Av. Rio Branco - Centro
Av. Xavier da Silveira, 67-A - Morro Branco
Fones: (84) 9415-9924 / 8809-1028 - Natal/RN

Formalidades



Os negócios prosseguiam dentro do razoável e são Ferreira atendendo a um e a outro freguês, tomava conta da loja, sem alvoroço. Tanto que entre um atendimento e outro, sobrava tempinho para arrumação aqui, ajeitada acolá. E d. Belinha, sua assistente, lhe ajudava no grau, sendo suficientemente recompensada pelos bons cuidados de são Ferreira, e por salário que não seria de se desprezar. Mas, muito dentro do legal.

Num daqueles minutos, entra pela porta lateral do estabelecimento, o Manoel Cipriano, homem de pouca altura e de grandes aperreios. Mal vivia com o que ganhava e ganhava mal o que a Prefeitura lhe pagava. E só. Não tinha bicos, secundárias obrigações que pingam dinheirinho a mais, surtos nos intervalos da vida, e da repartição. Para ajudá-lo a viver na repartição e na vida.

Manoel Cipriano encostou-se no balcão e viu agenda com capa de plástico e cores agradáveis. Enquanto decidia-se, examinava-a, cuidadosamente. Precisava de uma, pois se transformara numa dessas pessoas que não passam sem agendas. E o ano terminando, pedia nova. Aquela viria a calhar.

Decidiu-se. Chamou a atenção de d. Belinha. E perguntou quanto custava o artigo.

D. Belinha, cheia de dedos, explicou-lhe:

-Olhe aqui, são Manoel Cipriano. Nós ainda não sabemos, pois como vê, é mercadoria nova. Ainda não está catalogada.

-E o que é que eu faço, pra levá-la?

-Pergunte aí, por favor, a são Ferreira, que ele lhe dirá, sem sobrosso. O senhor sabe como ele é.

-Tá bem. Vou perguntar.

E levantando a voz:

-Ô, são Ferreira. Quanto que é essa agendazinha que tá aqui em cima do balcão?

-Oh, Manoel Cipriano. Como vai? Vamos vender ela por 15 reais.

Silêncio. Caiu silêncio frio dentro da loja. Aí, num momento de extrema audácia ou movimento de audaciosa temeridade, Manoel Cipriano, apanhou a agenda e a escondeu debaixo da camisa. Num abrir e fechar de olhos.

Entretanto, por mais rápido que quisesse ter sido, D. Belinha viu. E viu quando Manoel Cipriano virou-se e começou a sair da loja.

D. Belinha, apavorada, exclamou com tremida voz, para são Ferreira.

-São Ferreira! Por favor. Olhe o Manoel Cipriano! Pegou e escondeu a agenda e vai levando ela debaixo da camisa. E já tá perto da porta.

Avisado, são Ferreira deu um grito:

-Manoel! Ô Manoel Cipriano! Por esse preço não dá.

Manoel voltou, seco, tirou a agenda de dentro da camisa e, comportando-se como se houvesse sido injuriado, disse:

-Pois tome. Por mais, também não levo.

Afrânio Pires Lemos

COLÉGIO IMACULADA CONCEIÇÃO

102 ANOS NAS

MARCAS

DA EDUCAÇÃO DOROTÉIA

NA CIDADE DO NATAL

Av. Deodoro, 540, Centro Natal/RN Cep.: 59 025 600
Site: www.cic-doroteias.com.br e-mail: imaculada@cic-doroteias.com.br

Instituição de Ensino

Ferro Cardoso

MATRÍCULAS ABERTAS

Do Ensino Fundamental ao

Pré-vestibular

Turmas: Manhã, tarde e noite

Praça André de Albuquerque, 12 - Cidade Alta
Natal-RN - Fones: 211-2644 - 211-1640



Boi Tungão

Ááááááá, oli-liô Boi Tungão, boi do Maiorá,
Num era tão bonito o boi
Como era o aboiar
Oli-liô Boi Tangão, boi do Maiorá,
Se chamava ele vinha
Pra purteira do currá
Tava lá em casa deitado no quente,
Tava bêbado de aguardente,
Quando eu vi chamá
Veio uma nega por nome Nenen,
Veio Cristina, mais Izabel me chamando, vá.
À meia-noite sem pensá em nada
Quase de madrugada eu ouvi falá,
Saí pra fora era a nega Marçalina
Que chegou com o carnavá,
Adonde veio a nega Nenen
Cochichá no meu ouvido, sustente o ganzá
A nega disse que com Antônio eu vinha,
Daqui hoje tu não pode fugir
Somente vim te buscá.
Ah diz um coco dentro do cocão
Se não for mais leva o Cão
Nóis vinhemos cá, Boi Tungão

Nega valente hoje eu não posso saí
Eu que mi divirtir
Vou pará o meu ganzá
Mai devagá, tô muito infadado
Eu cheguei inda agorinha
Eu vô me deitá

Eu disse à nega, vou mais para a frente
Tem o repente, cuidado em andá
E agora mesmo, daqui pra meia-noite
Eu quero botá um coco lá no seu lugá
Mais embaixo quando eu cheguei na terra
Que eu ouvi um berro do lado de lá
Mais tinha nego filiado no salão
Não era de brincadeira não tinha nego pra danar
Tinha Quitéria, tinha Marçal, tinha Marçalina
Tinha a nega Bernardina que chegô com o
carnavá
Chegô o diabo, com a passage do inferno
Me falando Pai Eterno
Li-liôh Boi Tungão

À meia-noite sem pensar em nada
Quase de madrugada eu vi o galo cantar
Pode criá e cantá o galo vermeio
Vi o canto da sereia mais um pouco devagar
O galo preto das canela fina
Esse era uma buzina, chegô ripicá
Oli-liô Boi Tungão, boi do Maiorá

Chico Antônio

Extraído do livro *Vida do Cantador*, de Mário de Andrade,
Vila Rica, Belo Horizonte – Rio de Janeiro, 1993.



**INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO
RIO GRANDE DO NORTE**

1902 * 2004

**A mais antiga Instituição
Cultural do Estado**

Rua da Conceição, 622 - Cidade Alta - Natal/RN

Chico Antônio

Francisco Antônio Moreira, (Chico Antônio), nasceu no povoado de Côrte, município de Pedro Velho (RN), no dia 20 de setembro de 1904.

Desde criança, mostrou inclinação para a música, para o canto, particularmente para os cocos de embolada, gênero musical muito em voga, no Nordeste brasileiro ao tempo do seu nascimento.

Seu pai, homem prático, agricultor honesto e trabalhador, em cuja família não havia antecedentes de manifestações artísticas, procurou, desde cedo, encaminhar o filho para a escola, a fim de assegurar-lhe o futuro.

Chico Antônio porém não se acostumou com aquele ambiente de letras e algarismo, não obstante ser um menino inteligente, aprendendo facilmente as coisas. Aquela não era a sua vocação. Por isto, depois de pelear durante seis anos contra o destino que o pai queria lhe impor, confessou-lhe certo dia o seu grande desejo: cantar cocos. O pai, como era de se esperar, reagiu ferozmente aos propósitos do filho, preferindo vê-lo apenas agricultor, já que não conseguia despertar-lhe o interesse pelo estudo.

Trabalhando na enxada, no sítio do pai, o menino Chico Antônio não perdia oportunidade de ver as grandes pelejas tão famosas no seu tempo, entre os emboladores de coco que na época do verão excursionavam por toda a região e sonhava com o dia em que pudesse também ele próprio, participar daqueles desafios que haveriam de torná-lo tão famoso, como nunca sonhara.

Zé Fulô, negro dos Brejos paraibanos, foi o seu primeiro adversário e a primeira vítima do seu talento de cantar coco.

Muitos outros emboladores cruzaram o caminho de Chico Antônio, desafiantes ou desafiados, mas, sempre por fim vencidos, pelo seu maravilhoso modo de cantar, até que, em 1929, atendendo a um convite de Antônio Bento de Araújo Lima, Chico Antônio parava



Foto: Mário de Andrade

Chico Antônio no engenho Bom Jardim - 1929

no engenho "Bom Jardim", município de Goianinha.

No engenho, deu-se o encontro de Chico com Mário de Andrade. Mário, figura maior da Semana de Arte Moderna, realizada em São Paulo, em 1922 e já consagrado à época de sua viagem ao Rio Grande do Norte, como um dos maiores escritores brasileiros de então, veio ao Estado, convidado de Antônio Bento de Araújo Lima e Luís da Câmara Cascudo, a fim de estudar nossa cultura popular. Em Natal ele permaneceu por toda a segunda quinzena de dezembro de 1928, e janeiro de 1929, quando foi ao engenho "Bom Jardim", para

conhecer a família de Antônio Bento e continuar o trabalho que vinha realizando em Natal, de coleta das mais diversas manifestações de nossa cultura popular.

O encontro de Mário com Chico Antônio foi decisivo para a vida do nosso coqueiro. O estudioso paulista ficou perplexo, diante do encantamento que lhe despertou a arte de Chico Antônio. Esse deslumbramento ele iria traduzir em três crônicas de viagem, posteriormente enfeitadas no livro **O Turista Aprendiz**, no qual Mário diz coisas assim:

"Estou divinizado por uma das comoções mais formidáveis da minha vida".

"Chico Antônio não sabe que vale uma dúzia de Carusos".

"A encantação do coqueiro é um fato e o prestígio na zona, imenso. Se cantar a noite inteira, noite inteira os trabalhadores ficam assim, circo de gente sentada, acocorada em torno de Chico Antônio irapuru, sem poder partir".

O registro desse encantamento de Mário por Chico Antônio, não se limitou porém às crônicas em que descreveu a personalidade do cantador, mas, na abundância do material colhido, no trabalho diário, durante todo o tempo em que esteve no engenho "Bom Jardim", material que foi posteriormente aproveitado em dois livros, o primeiro dos quais **Os Cocos**, de 1983, e o segundo, **Melodias do Boi e Outras Peças**, publicado em 1987.

Com a volta de Mário de Andrade para São Paulo, no mesmo ano de 1929, Chico Antônio anonimamente, continuou a cantar pelos engenhos da região

Agreste, sem maiores ressonâncias no meio cultural de nosso Estado.

Até que, em 1979, cinquenta anos após a visita de Mário ao "Bom Jardim", numa pesquisa de campo realizada para a Fundação "José Augusto", redescobrimos no município de Pedro Velho, no sítio "Porteiras", o embolador Chico Antônio, com 75 anos de idade, trabalhando ainda esporadicamente na enxada, mas, afastado desde algum tempo, de suas emboladas.

A notícia espalhou-se pelos jornais da capital e, em breve, Chico vinha a Natal, participar de promoções culturais, cantando os seus cocos. Numa destas viagens, visitou Luís da Câmara Cascudo, que ainda não o conhecia, a não ser por sua fama.

A redescoberta de Chico Antônio, em Pedro Velho, interessou vivamente ao Prof. Aloísio Magalhães, Secretário de Cultura do MEC, em Brasília, que o conheceu através das páginas de **O Turista Aprendiz**.

O encontro de Chico com o Professor Aloísio Magalhães aconteceu em Natal, no dia 03.06.82.

Aloísio havia sido distinguido

com o título de doutor "Honoris Causa", pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte e veio até Natal, a fim de receber essa honraria. O conhecimento de Chico marcou-o tão profundamente, que, à noite do mesmo dia, no Campus Universitário, em seu discurso de agradecimento, perante a Assembléia Universitária, limitou-se quase que a falar do encontro de Chico Antônio com Mário de Andrade, que ele considerava o encontro de dois gigantes da cultura universal: um, representando a cultura elitista; o outro, a popular.

A "descoberta" de Chico Antônio por Aloísio Magalhães, foi decisiva para a divulgação do coqueiro nordestino, nessa nova fase de sua vida.

Regressando ao Rio, Aloísio determinou à diretora do Instituto Nacional de Folclore, Lélia Coelho Frota, que elaborasse um projeto – "Chico Antônio e seu meio" – através do qual não apenas se divulgasse a vida e a obra de Chico Antônio, mas se procurasse, de alguma forma, prestar uma ajuda material ao velho embolador.

Desse projeto cultural resultaram: um disco, "No Balanço do Ganzá" e um Seminário realizado

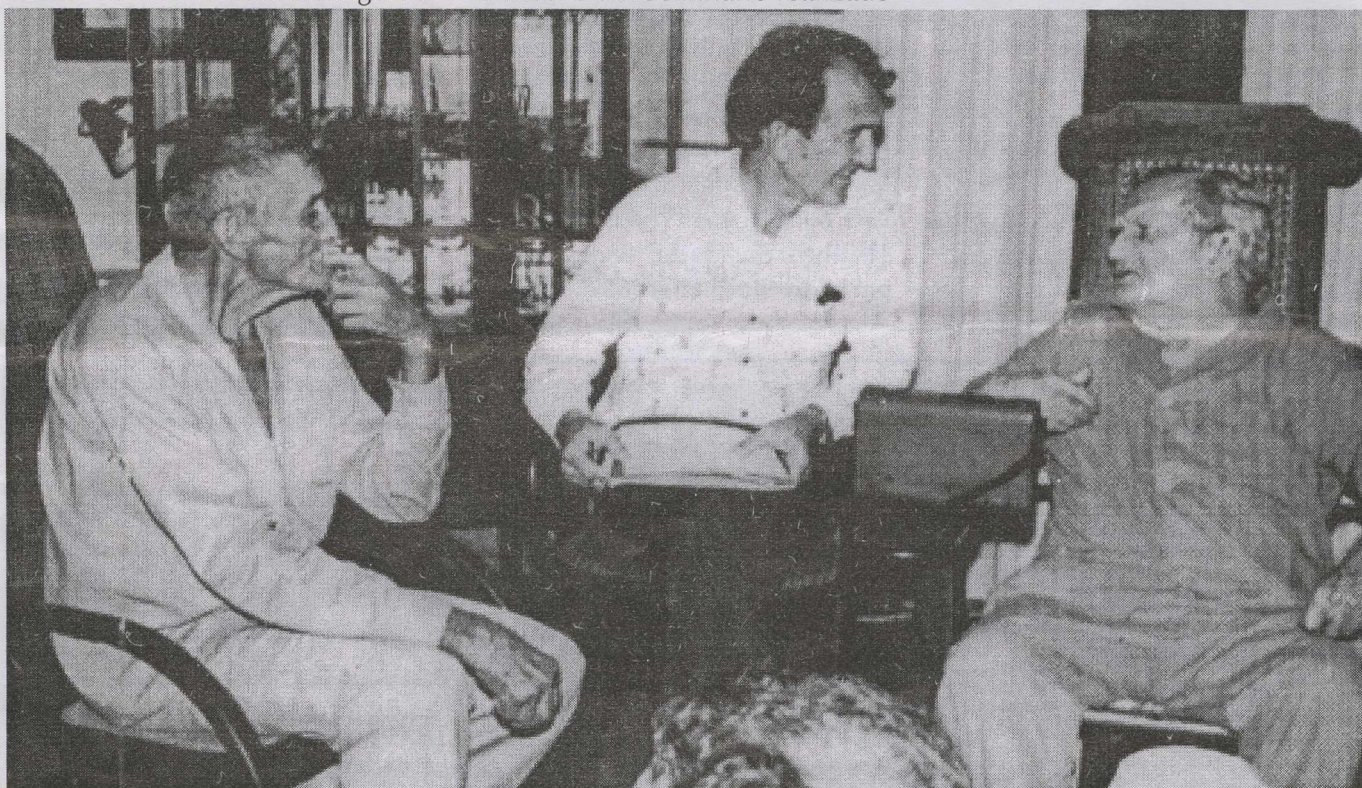
em Natal, no período de 10 a 13 de maio de 1983, com a presença de professores do Sul do País e de Estados nordestino. Durante o Seminário foi feito o lançamento de um tablóide intitulado "Estrada Nova" e a projeção do documentário em vídeo do cineasta carioca Eduardo Escorel "Chico Antônio, o herói com caráter".

Paralelamente a esse trabalho de valorização e divulgação do coqueiro, promovido pelo MEC, através do Instituto de Folclore, no dia 20 de março de 1983, Chico Antônio foi apresentado no programa de Rolando Boldrin, "Som Brasil", na rede Globo de Televisão, apresentação precedida de uma entrevista coletiva do coqueiro com representantes dos principais jornais do Rio de Janeiro e São Paulo.

Chico Antônio morreu, ingloriamente na cidade de Canguaretama, no dia 15.10.1993. Seu nome, porém, permanecerá para sempre, nos livros de um dos maiores gênios das letras nacionais, Mário de Andrade.

Deífilo Gurgel

Extraído do livro Espaço e Tempo do Folclore Potiguar. Funcart, Natal, 1999.



Deífilo Gurgel (centro) apresenta Chico Antônio (esq.) a Câmara Cascudo, em 1979

Nossa música e o cinema

A valsa mais famosa de autor norte-riograndense, tocada quase sempre por bandinhas do interior nas alvoradas das festas de padroeiro, como também “várias

Ulisses Caldas, é um dos exemplos do relacionamento estreito entre nossa música e a 7ª Arte.

Não é fora de propósito lembrar aqui que, durante os anos 60, os

Macau” (v. o livro referido, de autoria da pesquisadora Leide Câmara).

De diversas maneiras, compositores e intérpretes da nossa música integraram também a expressão da comunicação visual via cinema. O filme “Quelé do Pajeú”, de Anselmo Duarte, realizado em 1970, obteve sua qualidade também devido à colaboração do compositor e maestro natalense Marconi Campos, que fez a trilha sonora e a orquestração do filme “Filhos da Rua”, que foi pensado nos anos 50, e que deveria ser realizado em Natal, com produção de Felinto Rodrigues Neto, argumento de Sebastião Carvalho e direção de Mário Latini.

Para o filme, o compositor asuense Chico Elion fez a música-tema, e mais as músicas “A Voz do Rio”, “Moinho d’Água” e “Passado”. Infelizmente, o filme não se realizou. Mas ficou, gravada em acetato, e interpretada por Rinaldo Calheiros, com acompanhamento ao piano por José Maria de Abreu, a música-tema “Filhos da Rua”.

Cantores e cantoras e conjuntos musicais de origem norte-riograndense deram contribuição valiosa, com suas participações nas trilhas sonoras de famosos filmes nacionais. O cantor José Leão, por exemplo, nascido na cidade norte-riograndense Lages, fez parte do filme “Esse Rio Que Eu Amo”, de Carlos Hugo Christensen, de 1961, e sendo ainda bem novo, tendo apenas 12 anos, trabalhou muito bem, interpretando um pequeno engraxate e partici-



vezes” pela orquestra da BBC de Londres, durante a 2ª Guerra Mundial (como informa Leide Câmara em seu “Dicionário da Música do Rio Grande do Norte”, 2001), é “Royal Cinema”, composta em 1913 pelo carnaubense Tonheca Dantas. Esta homenagem do compositor ao extinto cinema da rua

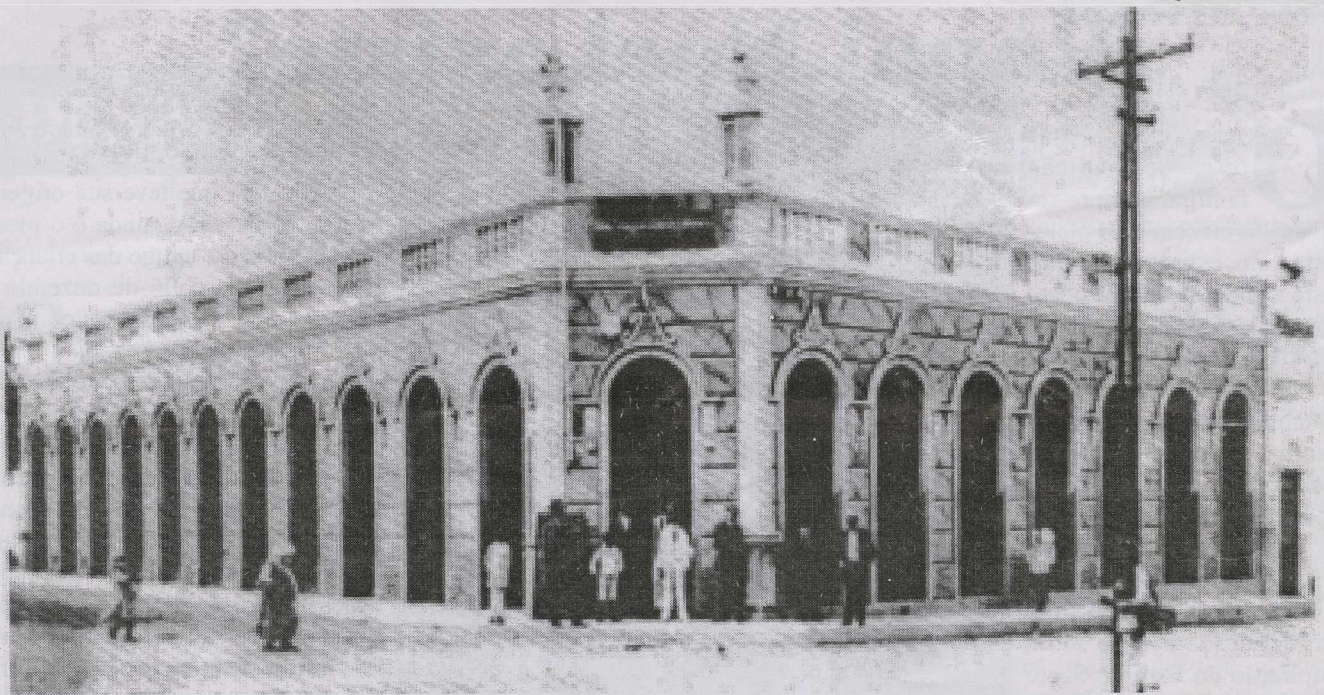
trios Iataí e Sambalção tocavam no cinema São Luiz, em Natal, antes de começarem as sessões de filmes. E que o cantor e compositor macauense Marrocos, “iniciou a vida musical em 1965, com apenas 16 anos de idade, tornando-se patrono do programa ‘Manhã Alegre’, no cinema São Luiz, em



SEBO AMORIM

GALERIA DE ARTE - CDS - LIVROS - DISCOS - INSTRUMENTOS MÚSICAIS

Rua Ulisses Caldas, 94 - Centro - Natal/RN - Fones: 221.3717 - 9973.9423 - 206.2790



Fachada do Royal Cinema, esquina das ruas Ulisses Caldas e Vigário Bartolomeu, inaugurado em 1913.

pando do coro infantil da música "Ele é Engraxate". E a cantora Ademilde Fonseca (nascida no município de Macaíba), a "rainha do choro", participou de duas chanchadas: "O Batedor de Carteiras" (dirigida por Aloísio Carvalho) e "O Viúvo Alegre" (dirigida por Victor Lima).

O famoso Trio Irakitan, fundado em Natal em 1950, deu o tom de suas vozes harmoniosas a nada menos que 17 filmes nacionais e ao mexicano "Lleva me en Tus Brazes". Dos nacionais, a grande parte de chanchadas, onde o conjunto natalense participou em estórias engraçadas e críticas ao lado de famosos humoristas da época, como Ankito, Zé Trindade, Grande Otelo, e Zezé Macedo e Dercy Gonçalves. Mas também cantou na jóia de curta metragem "A Velha a

Fiar", de Humberto Mauro (1960).

Outras formas de integração música / cinema acontecem nos títulos de certas músicas: 1) quando compositores homenageiam detalhes técnicos de cinema, como por exemplo Jaumir Andrade e Babal que fizeram em 1980 a música "In Technicolor"; 2) quando a homenagem dos compositores é utilizando o plágio bem intencionado no título da música, que fica com o mesmo título de um filme admirado, como por exemplo "O Dragão da Maldade Contra o Santo Guerreiro", uma parceria de Mirabô e Iaperi Araújo remetendo ao filme de Glauber Rocha. Ou uma música com o título "Meu Tio - Mon Oncle", mesmo título de um filme do francês Jacques Tati, e que aparece num disco de outro conjunto norte-riograndense, o Trio Marayá.

A valorização da nossa música documentada cinematograficamente: em 1958, a empresa Cine-Gráfica São Luiz, do Rio de Janeiro, fazia cobertura cinematográfica de acontecimentos norte-riograndenses com a colaboração do cinegrafista natalense José Seabra, e dentre os fatos reportados estava a oficialização do "Hino à Bandeira do Rio Grande do Norte".

Mais um referencial deste entrosamento entre cinema e música no Rio Grande do Norte: é que as reuniões do Cine-Clube de Natal (depois mudado o nome para Clube Potiguar de Cinema) eram ilustradas com apresentações musicais de Duca Nunes e Seu Regional.

Anchieta Fernandes



Capitania das Artes

Loja do Artista

Biblioteca Municipal
Escola de Ballet
Teatro Municipal - Alecrim

Banda Sinfônica
Galerias de Arte
Ateliê de Desenho e Pintura

Av. Câmara Cascudo, 434 - Ribeira - 59025-280 - Natal/RN - Telefax: 232.4951

Papai Noel existe?

O natal, por ser uma festa de tradição familiar sempre recebeu da ciência da Folclorista, um estudo especial; visto a importância que o fato popular religioso representa a toda comunidade cristã. Tradicionalmente, "O Ciclo Natalino" começa em 06 de dezembro à noite de 06 de janeiro, dia consagrado aos três Reis Magos.

Durante este período, o mundo inteiro presta suas homenagens a Jesus o filho de Maria que nasceu sob a inspiração do Espírito Santo para mostrar aos homens pecadores o caminho, a verdade e a vida. No Japão, por exemplo, apesar da predominância das várias religiões festeja-se o natal na intimidade dos lares.

Nos Estados Unidos, as árvores e edifícios são ornamentados com luzes coloridas, vitrines suntuosas, e estreladas, com imensas caldas e brinquedos sofisticados.

Na Itália, existe até um provérbio popular que chegou até nós: natal com os teus e páscoa com quem quiseres. No Brasil, esta versão ficou mais ou menos assim: O natal só presta em casa e São João no arraiaí.

Na Suécia, para as festividades natalinas, predominam o peixe, a carne de porco, a salsicha, o presunto e o bacalhau com pão de gengibre.

Na Polônia o natal começa no primeiro domingo do Advento. Durante os seus preparatórios, fazem retiros, confissões e jejum, que são quebrados no momento da Ceia.

Na Grécia, apesar da maioria da população ser da religião Ortodoxa,



Europa e continente americano Quem diria o velhinho bonachão que teve sua origem no século XIV, ainda é o mesmo de hoje, amigo das crianças e que tem o 06 de dezembro como data escolhida nos mais diversos países do mundo para abrir oficialmente o ciclo natalino.

E papai Noel existe? Existe sim: anos atrás, o velhinho fixou residência na cidade de Mora na Suécia, lá foi criado um monumental parque denominado de Santaworld, que, entre as muitas atrações, reproduzem um antigo vilarejo, onde o bom velhinho e seus auxiliares resi-

dem.

Mora é na verdade a cidade ideal para o papai Noel fixar residência fica no coração de uma província sueca muita famosa pelas suas tradições folclóricas.

Sua paisagem reflete um acontecimento histórico com mais de 360 milhões de anos, que foi a queda de um dos maiores meteoros de que já se teve notícia no sistema solar.

A montanha junto ao qual foi construído o Santaworld faz parte das bordas de uma cratera que proporciona uma das melhores pistas de esqui da Suécia.

Santaworld é o endereço oficial do Papai Noel, de todas as partes do mundo chegam cartas à procura de informações e todas elas são respondidas cordialmente. Caros amigos, criança brasileira. Este é o endereço mais famoso e mais popular do mundo.

Feliz Natal.

Severino Vicente

também se comemora o natal, com os familiares ao redor de grandes mesas, como no Brasil, o prato preferido é o peru, acompanhado de vinho macedado.

Afinal, como aparece a figura do papai Noel nesta história toda? Falam da lenda de Santa Klaus ou São Nicolau, padroeiro da Rússia, que em cada natal chegava á Holanda, montado em seu cavalo branco, trazendo além de muitos presentes, um livro onde estava anotado o comportamento da criança. Segundo a lenda, o papai Noel ainda dava especial atenção aos animais de casa, que nesta noite privilegiada adquiriam o dom da palavra. A tradição popular folclórica ainda fala do Bonhomem Noel Francês; que descia do céu trazendo presentes para as crianças boas.

Na América, a figura do papai Noel está ligada ao desenho publicado em New York, no Herpers Illus trated Weekl do bávaro (naturalizado norte-americano) Thomas Nast, símbolo este que serviu de modelo para toda a



Gelo Sul

Gelo em grosso com entrega em domicílio

DISK GELO
653.1811
9401.0830

Gelo em barra, cubo e escamas

Rua Alfredo Edeltrudes, 34 - Bairro Nordeste - Natal - RN

A Ki - Tanda

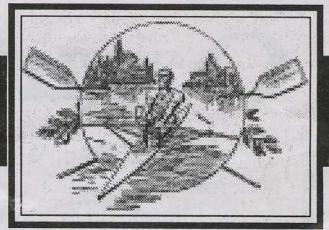


A SUA CASA DE FRUTAS E CARNES

Av. Antônio Basílio, 2703 - Lagoa Nova - Natal/RN
Telefrutas / Telefax: (84) 206-5612

DESPORTISTAS INOLVIDÁVEIS

Eugênio Silva



Com mais de 50 anos de militância nos esportes do Rio Grande do Norte, Eugênio Silva foi quase a própria história desportiva do nosso Estado.

Nascido aos 25/12/1906 em Timbaúba (PE), Eugênio chegou a Natal em 23/06/1923 e faleceu na mesma cidade aos 26/02/1992. Aqui trabalhou nas conceituadas firmas da época – Julis von Sohsten e S.A. Wharton Pedrosa, e posteriormente, no Banco do Povo S.A. onde, por quase 30 anos, deu o máximo de seu empenho.

No cenário esportivo do Estado, Eugênio Silva teve participação ativa e trepidante, quer como atleta ou dirigente. Assistiu a inauguração do nosso “Stadium Juvenal Lamar-tine”, em 12/10/ 1928. Ingressou no quadro social do ABC Futebol Clube, como sócio contribuinte, em 15/10/1928. Como atleta foi goleiro do ABC de janeiro/1930 a dez/1934, pagando três mil réis por mês como sócio, época em que pertencia ao atleta amador todo o material para a prática do esporte.

Foi fundador e goleiro da equipe de futebol do Clube Carneirinho de Ouro, dirigido pelo comerciante Carlos Lamas.

Nossa Federação de Futebol, Eugênio Silva foi juiz, tesoureiro, secretário e professor da Escola de Árbitros nas administrações de João Machado, Humberto Nesi e

João José Pinheiro da Veiga. No Tribunal de Justiça Desportiva foi secretário, juiz suplente / efetivo. Serviu como delegado de vários jogos de futebol no Juvenal Lamar-tine, até a inauguração do Castelão em 04/06/72, prosseguindo até



nov/80. Foi o delegado da presidência nos jogos da Mini Copa entre Equador, Chile, Portugal e Irlanda, bem como nos 23 jogos no 1º Campeonato Brasileiro/72 em que teve o ABC como representante do RN.

Ingressou no quadro social do Sport Club de Natal em 28/10/

1928, passando nesta data a exercer as funções de secretário. Nas competições náuticas foi árbitro geral, juiz de raia e de partida/chegada, até 1978.

No xadrez, Eugênio Silva foi um sustentáculo deste esporte em nosso Estado. Foi Presidente da Federação em 1960 e 1963. Em todos os outros anos foi, como costumava dizer, de vereador a deputado da entidade, tendo ocupado todos os cargos dirigentes.

Sua maior glória foi ter sido escolhido para Diretor Geral do 45º Campeonato Brasileiro Masculino Individual de Xadrez, realizado em Natal, aplicando todos os seus conhecimentos de regulamentos, leis, organização e montagem.

Em 1972, também foi Diretor Geral dos Jogos Estudantis Brasileiros, realizado em Natal. E em 1954 promoveu em Natal um Torneio Aberto com 40 enxadristas, no Aéreo Clube, quando o campeão René Pratt disputou simultaneamente contra os seus adversários, tendo obtido 35 vitórias, 3 empates e 2 derrotas.

Foi ainda o organizador de todos os desfiles desportivos realizados em Natal nos torneios inícios de futebol de salão e dos jogos universitários e estudantis, durante mais de 40 anos.

Luiz G. M. Bezerra

Feliz Natal e Próspero

Ano Novo são os votos do

VEREADOR
Aquino Neto

O Vereador da Cultura

**VENERÁVEL IRMANDADE DO
SENHOR BOM JESUS DOS PASSOS**

NATAL - RN



A Venerável Irmandade do Senhor do Bom Jesus dos Passos, representada nas pessoas do Senhor Provedor

Mário Bernardo de Souza,
Conselheiros, Conselho Fiscal e

demais membros desta Provedoria, deseja a todos os seus associados um Feliz Natal e um Próspero 2005!

O outono do patriarca

Juvenal Lamartine, o ex-todo-poderoso comandante da política do Rio Grande do Norte, por uma dessas cambalhotas que a vida aplica nos homens, foi despachado das vida pública parlamentar nas eleições de 19 de janeiro de 1947, quando tentava dar a volta por cima, tentando eleger-se numa vaga da cadeira de senador. Furioso com a derrota para o riquíssimo industrial João Câmara (que, desafortunadamente, pouco tempo depois, morreria do coração) atribuindo-a a uma fraude eleitoral, questionamento que o amargou até o fim de seus dias.

1947 foi, na verdade, um ano sem precedentes no Brasil e, particularmente, para os norte-rio-grandenses, memorável e deplorável, em vários aspectos. Uma fase em que a redemocratização do país engatinhava. Um período iniciado mesmo com um duplo banho de sangue pré-eleitoral, numa eleição em clima de quase guerra civil: o governador José Varela, um ex-seminarista e um dos banidos, ao lado de Lamartine, pela Revolução de 30, só tomaria posse seis meses após ser eleito, período entremeadado por uma chuva de denúncias de fraude e coação eleitoral, com inúmeras urnas anuladas em todo o Estado, pelo TRE. Mas o TSE decidiria em favor do José Varela, que só foi empossado em 31 de julho de 1947, aos 50 anos. recebendo um mandato podado para três anos e meio. Só que, enquanto ex-seminarista conquistava a sua reabilitação do limbo político-partidário, o outrora temido e imbatível coronel político era enterado no túmulo político-eleitoral.

No cenário político, nesse novo despertar cívico-institucional, o eleitorado do Rio Grande do Norte quebrava um jejum contrafeito: com fome de democracia, há exatamente 20 anos não digerira o direito inalienável de escolher o seu Governador. Na última eleição, a 31 de julho de 1927, como todo aquele arremedo eleitoral, em todo o país, na época da República Velha, Juvenal Lamartine fora escolhido *Presidente* do Rio Grande do Norte, conforme palavra em moda e prescrita pelos estados do Sul. Seu vice: Joaquim Inácio de Carvalho Filho, que presidiu a 15ª legislatura estadual, até 6 de outubro de 1930, pela junta militar revolucionária, responsável pela criação do poder legislativo e a conse-

qüente imolação sumária do mandato, dentre outros, do noviço deputado estadual, Luís da Câmara Cascudo, que, para bênção e redenção do universo do folclore, ali esconjurou, na assunção da era getulista, a sua carreira política.

Presente a Cascudo, um mandato
- No casamento de Cascudo, em 1929, Juvenal Lamartine fora uma das



testemunhas de cerimônia e, no ano seguinte, presentearia o folclorista com um fulminante mandato estadual: "Fez-me deputado em 30, maior surpresa, na época, para mim. Assumi a primeiro de outubro. No dia três veio a Revolução e acabou com o meu mandato. Não houve tempo de exercer benemerência ou nocividade", recordaria Cascudo.

As eleições gerais de 1947 para a escolha do Governador, da Assembléia Legislativa Estadual Constituinte, do Senador e seu suplente, e para suplente dos senhores (na época, havia eleição para eles) escolhido na eleição nacional de 2 de dezembro de 1945, serviu também para mostrar, cronológica e historicamente, a encruzilhada e um entrechoque de gerações. Caso de políticos da energia de um Juvenal Lamartine, sobrevivente do século XIX, nascido em 1874, e toureador na arena política em uma vertiginosa carreira, de renome nacional (conviveu, mantendo relações pessoais, com todos

os presidentes da República Velha, exceção dos marechais Deodoro e Floriano e Prudentes de Moraes, bem como de ministros de Estado), além figuras da elite cultural brasileira, como Euclides da Cunha, Sílvio Romero, Afrânio Peixoto, Rui Barbosa, só para falar dos da velha guarda.

Juvenal Lamartine, já no início do século XX, o primeiro juiz de Acari, demitia-se do cargo, apadrinhado por Pedro Velho para ser vice-governador de Tavares de Lira, função da qual renunciaria, novamente aconselhado por Pedro Velho. Essa desincompatibilização o capacitaria a uma meteórica carreira nacional, de deputado federal (1906) a Senador da República (1927), mandato intervalado com a renúncia senatorial para a presidência do Rio Grande do Norte (1928), cargo assumido a 1 de janeiro de 1928.

Depois de brilhar, na Câmara dos Deputados, no Senado, na administração do seu Estado e na presidência da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, Juvenal Lamartine experimentaria, pela primeira vez, aquela sensação de sentir que o gozo do poder, muitas vezes, é entremeadado de cólicas. Fugindo do terror revolucionário e, apesar de exilado em Paris, amargou um nostálgico ostracismo, aquele sentimento de inválido da pátria. Seu calvário político transplantou-se com sua vinda para o Brasil. Sem poder participar, ativamente, da vida político-partidária, sofreu ainda duas tragédias familiares, naquele ano terrível de 1935, a morte dos filhos, Otávio, presumível herdeiro político (treinava na política ao lado de José Augusto Bezerra de Medeiros) brutalmente assassinado, em fevereiro, pela polícia do Interventor Mário Câmara; e Elza, em setembro, vitimada por uma moléstia. E quando a mesa da redemocratização era posta, alimentou-se com os seus desejos dos velhos e fartos tempos de patriarca da política estadual. Só que degustou uma indigesta refeição outonal, desjejum que lhe removeu o atormentado final de seus dias, quando ficou cego e descrente na política e nos homens, embora enfrentando o naufrágio da velhice, à qual soçobrou com dignidade.

Carlos Moraes

Última memória do cangaço

No sertão paraibano de Nazarézinho faleceu o patriarca Abdias Pereira Dantas aos 103 anos de idade. Conheci Abdias através da história do cangaceiro Chico Pereira, seu irmão, alcunhado "Zé Vicente" lendo o livro "Vingança Não", (Livraria Freitas Bastos S/A, 1960), obra que narra a saga da construção do açude de São Gonçalo quando Epitácio Pessoa estava na presidência da República e do homem trabalhador que se tornou cangaceiro premido por adversidades e circunstâncias, chegando a acompanhar Lampião em suas andanças e fugas na serra do Pau Ferrado, em 1924, divisa da Paraíba com Pernambuco.

Chico Pereira, preso em Cajazeiras/PB, em 15 de agosto de 1928, conduzido à cadeia de Acari, depois recambiado a Natal, teve nesta última cidade como advogado João Café Filho, futuro presidente da República. Levado à cidade de Acari para responder a interrogatório, foi assassinado no município de Curais Novos pela polícia do RN, em 5 de novembro de 1928, no governo de Juvenal Lamartine de Faria. No quilômetro 167 de estrada federal Natal - Curais Novos, à direita da estrada, numa depressão, lá está a antiga rodovia de barro batido. Ao pé desta, uma pequena construção e a cruz no lugar exato onde Chico Pereira foi assassinado. A inscrição na lápide fala sobre aquele valente sertanejo.

Viajando em companhia da professora Rita de Cássia, visitamos Abdias em setembro de 2000. Chegamos à sua casa numa tarde quente, como quentes são todos os dias do sertão. O ancião descansava do dia. Fomos recebidos por Riselda, Abdias Filho, Assis e uma esperta criança a quem distribuimos balas. Fomos servidos de café, banho e outros cuidados que a melhor tradição sertaneja de hospitalidade recomenda.

À noite participamos dum jantar, igual em qualidade ao dos melhores restaurantes das grandes cidades. E conversamos. Do ancião, embora lúcido, vi que pouco se podia exigir de suas lembranças. Indaguei sobre os tempos do cangaço e ele me disse entre outras informações que uma



O cangaceiro Chico Pereira

vez dirigiu-se a cidade de Aurora/CE, onde pretendia encontrar-se com Lampião, mas quando chegou lá soube que o rei do cangaço havia viajado. Suponho que tenha saído para atacar a cidade de Mossoró naquele fatídico mês de junho de 1927.

Visitamos a residência e o restaurante de Corrinha e de outras pessoas gratas.

Ao retornarmos fomos convidados pela família para o aniversário de 100 anos de Abdias, a realizar-se em maio de 2001. Estivemos presentes ao natalício. Muitos convidados da localidade, vizinhanças e de toda a Paraíba. Presentes também o rádio e a televisão do Estado.

Abdias Pereira, tendo visto seus irmãos Chico Pereira e Abdon entrarem no cangaço tentando vingarem a morte de seu pai, o coronel João Pereira, no ano de 1922, manteve-se como homem pacífico, seguindo os conselhos do pai falecido, esperando que a consciência dos homens que se entregavam àquelas lutas chegassem à razão. Adiou o próprio casamento para criar os três filhos do irmão assassinado.

Após os cinquenta anos casou e

constituiu família, estando viúvo quando o conheci. Pude testemunhar naquela pequena cidade a 21 quilômetros de Souza, o prestígio do grande homem que foi Abdias. Antes de chegar à sua residência, estando em Souza, indaguei a várias pessoas por ele e todas acorreram a dar informar a discorrer positivamente quanto à sua postura de homem correto, probo e admirado. No Parque dos Dinossauros, de outras muitas vezes, pude ouvir louvores às suas ações, pois tendo nascido no tempo do cangaço, vendo dois dos seus irmãos envolvidos naquelas atividades, tendo razão para lutar contra o assassinato de seu pai e inúmeras ofensas que sua família sofria por parte dos inimigos, manteve-se ativo, trabalhando, criando os irmãos e sobrinhos fazendo companhia à sua mãe e cunhada.

Nos 100 anos de Abdias, presentes três mil pessoas, houve missa campal rezada por frei Albino, um dos filhos do cangaceiro Chico Pereira, onde falou-se em sertão, agricultura, pecuária, vaqueiros, política, armas e cangaço.

A casa grande da fazenda repleta de visitantes que desfilavam frente às velhas fotografias da família onde se viam o coronel João Pereira e sua esposa Maria Egilda e Jardelina, a esposa de Chico Pereira, entre outras figuras que constituíam aquela sociedade familiar.

Lúcido, Abdias passou toda sua vida administrando a fazenda junto aos filhos, aconselhando e encarando o mais puro exemplo de dignidade no intuito de com isso servir àquela gente sertaneja.

Morreu em agosto de 2004 um dos últimos testemunhos do movimento do cangaceirismo do nordeste, levando consigo memórias que a muitos admirava.

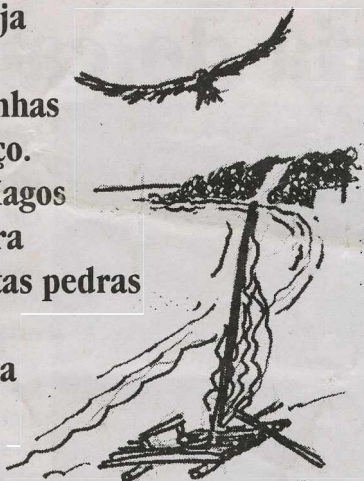
Não pude comparecer ao seu sepultamento nem à missa de trinta dias, mas marcou-me a lembrança por toda a vida, a nobreza, amizade, firmeza e coragem daquele homem e dos membros de sua honrada família.

Natal, RN, Novembro de 2004.

Duarte da Costa

Louvores a Natal

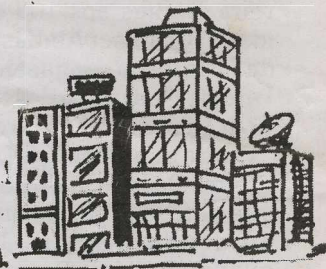
Para sempre louvada seja
Natal bela meu abraço
De Jerônimo e Mascarenhas
De João Rodrigues Colaço.
Louvo a Fortaleza dos Magos
Guardando a Via Costeira
Louvo quem trouxe tantas pedras
Para edificá-la inteira
Louvo o Morro do Careca
E o Pico mais agudo
Faço louvar o folclore
Também Câmara Cascudo
Louvo o Rio, louvo o mar
Louvo também quem morar
Louvo quem deixou a terra
Mas, um dia há de voltar
Não esqueça que Natal
Também é o seu lugar.
Louvo todos os poetas
Que cantaram nossa história
De Rabelo, a Navarro
Tantos outros na memória
Louvo a missa, louvo o padre
Louvo o homem e o menino
Louvo o primeiro Arcebispo
De Natal Dom Marcolino
Louvo a onda que não pára
Louvo o vento com a brisa
A Redinha que descansa
E o Farol de Mãe Luiza
Louvo a Ladeira do Sol
Louvo o Rio Potengi
E o maior dos cajueiros
Que nasceu no Pirangi



Louvo a Praia dos Artistas
Louvo tantas praias enfim
E água cristalina
Da lagoa do Bomfim.



Louvo a mão do operário
Que ajudou a construir
Grandes edifícios altos
Pra Natal se evoluir.



Louvo o corpo de Natal
E a ponta do calcanhar
A Praia de Cotovelo
Que dá gosto se banhar.

Louvo o barco, louvo a vela
Louvo o mar na extensão
A jangada, e o pescador
Fazendo o seu arrastão.



Louvo quem aprendeu a ler
Bem simples de pé-no-chão
Na cartilha intencional
De Djalma Maranhão.

Louvo o cacique, índio herói
Louvo Felipe Camarão.

Louvo o Horto de Auta de Sousa
Louvo também Hélio Galvão
Não me chega a cansa
Haja tanta louvação.

Louvo tudo que é bom
Só não louvo o que não presta

Louvo o Padre Miguelinho
Também Nísia Floresta
Louvo tudo que merece

Vou louvando porque quero
Nas asas do firmamento
Louvo Augusto Severo.



Geraldo Anízio de Medeiros


GOVERNO DE TODOS
Trabalhando pra valer


**FUNDAÇÃO
JOSÉ AUGUSTO**


**Casa de
Cultura
Popular**

A Casa de Cultura Popular de Viçosa, região do Alto-Oeste Potiguar, será denominada: "Palácio das Louceiras", numa justa homenagem a atividade mais presente na região. Esta casa contará com auditório, biblioteca, salas para oficinas de teatro, dança, música e cultura popular.

Será a 11ª casa, a ser inaugurada. 10, já estão em pleno funcionamento: Açu, Caicó, Nova Cruz, Parelhas, Currais Novos, Martins, Santa Cruz, Campo Grande, Macau e Umarizal.

Viçosa terá sua inauguração prevista para o final de janeiro/2005 próximo.